

*Precisamos ter consciência da profundidade
do mistério que temos diante de nós.
O homem deve hesitar quando está prestes a dizer
algo sobre o ser de Deus.*

J. H. BAVINCK

“DEUS vs. DEUS” — esse era o título de um editorial de duas páginas da revista *Christianity Today*. Eu conhecia o debate, mas mergulhei no texto ansiando por alguma nova explicação possível sobre a questão. Sabia também que esse tipo de controvérsia agitaria os alunos de meu curso.

Adoro o paradoxo, o mistério e a tensão na vida — e em minhas aulas. De fato, no primeiro dia letivo, ao apresentar o curso, muitas vezes cito o livro de Parker Palmer, *The Courage to Teach* [A coragem de ensinar]. Ele desafia o professor a aceitar diferenças e tensões na sala de aula bem como na vida: “Tenha paciência com tudo o que não está resolvido em seu coração. [...] Tente amar as próprias contradições. [...] Não procure agora as soluções, que não podem ser aplicadas porque você não seria capaz de as viver. [...] Viva as contradições agora”.¹ Do ponto de vista teológico, o mistério, o paradoxo e a incognoscibilidade de Deus são compensados pela auto-revelação divina nas Escrituras. É disso essencialmente que trata o ensaio “Deus vs. Deus”.

Exatamente no centro desse debate está a questão da natureza de Deus: quem é Aquele que nós, como cristãos, adoramos? O parágrafo de abertura do editorial prende a atenção dos leitores:

Não há conceito mais chato de Deus do que aquele tradicionalmente apresentado pelo teísmo filosófico. Além disso, quem quer dirigir orações a uma divindade abstrata e

¹ Parker PALMER, *The Courage to Teach: Exploring the Inner Landscape of a Teacher's Life*, p. 86.

alienada? Com certeza, os argumentos filosóficos clássicos tendem a produzir um “Ser supremo” em vez de o Deus da Bíblia que apaixonadamente ama suas criaturas e odeia a corrupção e a opressão. O Deus bíblico não é chato, mas é, como escreveu Pascal, “Fogo! O Deus de Abraão, o Deus de Isaque, o Deus de Jacó, não dos filósofos e intelectuais. Certeza. Certeza. Sentimento. Alegria. Paz. O Deus de Jesus Cristo”.²

O debate opõe os teístas clássicos aos proponentes do “teísmo aberto”, inclusive Clark Pinnock, John Sanders e Gregory Boyd. Esses teólogos representam a Deus como alguém que tem um relacionamento pessoal de mão dupla com suas criaturas — alguém que corre “riscos por envolver criaturas perdidas em relacionamentos verdadeiramente mútuos sem ter garantias de resultados”. Nessas condições, “Deus não conhece genuinamente o futuro, e ele de fato muda de idéia quando a situação o exige”.³

Os clássicos teístas, em contrapartida, insistem que quando Deus é representado nas Escrituras como tendo limitações ou deficiências morais, o autor bíblico está fazendo uso de uma analogia humana: “No cerne dessa idéia do antropomorfismo está a idéia de que, embora falemos de Deus por meio de uma analogia humana, não temos acesso à atividade interior de sua mente”.⁴

Cinco anos antes da publicação do editorial “Deus vs. Deus”, a *Christianity Today* apresentou um debate sobre o mesmo tópico, enfocando *The Openness of God* [O teísmo aberto], uma coleção de ensaios de Clark Pinnock e outros.⁵ Respondendo a esses autores, cuja esperança é de que a boa vontade triunfe sobre o mal, Timothy George escreve:

Mas o “Deus aberto” não pode garantir que isso venha a acontecer. Ele pode apenas lutar conosco contra o caos e continuar tentando com maior intensidade. A gente poderia sentir pena de um Deus assim, poderia até se solidarizar com ele em sua batalha cósmica contra o poder das trevas. Mas dificilmente alguém se comoveria a ponto de cair de joelhos e adorar uma divindade tão atenuada, desprovida de transcendência. O “Deus aberto” está longe de ser o terrível, santo, nunca surpreendido (apesar de sempre surpreendente) Deus da Bíblia, o Deus que “é fogo voraz”.⁶

² “God vs. God” (editorial), *Christianity Today*, 7 fev. 2000, p. 34.

³ Idem.

⁴ Idem.

⁵ Clark PINNOCK et al., *The Openness of God*, Downers Grove, Ill., InterVarsity Press, 1994.

⁶ Timothy GEORGE, “A Transcendence-Starved Deity”, *Christianity Today*, 9 jan. 1995, p. 34.

George procede sugerindo que “em seu desejo de defender ‘a reputação de Deus’”, esses autores “apresentam um Deus facilitado que traz uma misteriosa semelhança com [aquele de] um especulador do final do século XX. Eles não precisam ficar tão preocupados com a ‘reputação de Deus’. Precisam apenas deixar que Deus seja Deus”.⁷

O debate “Deus vs. Deus” não é certamente a primeira controvérsia sobre a natureza divina, nem será a última. De fato, é interessante ver que os teólogos — e eles deveriam saber das coisas — parecem lutar tanto quanto os filósofos em seu esforço para entender ou definir a Deus. Sendo que todos os teólogos cristãos dependem da Bíblia como sua fonte primária da revelação, poderíamos esperar que houvesse mais concordância entre eles.

O fato é que eles abordam a Bíblia e as interpretações teológicas de perspectivas muito diferentes. Em sua discussão contra o “teísmo aberto”, destaque de capa da *Christianity Today*, Christopher Hall refere-se ao teólogo J. I. Packer: “Packer advertiu-me”, escreve Hall, “para tomar cuidado e não esvaziar o mistério das Escrituras pelo desejo inapropriado de consistência racional. [...] Por isso aprendi a viver com a incompletude, o paradoxo, o incompreensível e um profundo mistério entre meu relacionamento com Deus e minhas ponderações teológicas”.⁸

O debate atual entre os teístas clássicos e os teístas abertos é primeiramente uma controvérsia doméstica entre evangélicos em que ambos os lados vêem a Bíblia como a palavra autorizada de Deus. Ocorre com maior freqüência que os debates sobre a natureza de Deus opõem os liberais aos evangélicos — embora em muitos casos os evangélicos não entrem no debate para valer porque consideram a autoridade da Escritura como dogma fundamental sem o qual as discussões são essencialmente inúteis.

TEOLOGIA DO PROCESSO E O PODER LIMITADO DE DEUS

Há quem argumente que a teologia do “teísmo aberto” se inspira na teologia do processo, que também vê limites no poder e conhecimento de Deus. Todavia, a teologia do processo limita de maneira significativa a autoridade da Escritura. Poderíamos descrever a teologia do processo simplesmente como uma visão que percebe a Deus como um verbo mais do que como um nome, uma visão em que Deus é um

⁷ Idem.

⁸ Christopher A. HALL e John SANDERS, “Does God Know Your Next Move?”, *Christianity Today*, 21 maio 2001, p. 42.

ser ou uma essência que está sempre em movimento e sempre em mutação. Um livro popular que mostra a influência da teologia do processo é *God: A Biography* [Deus: uma biografia], de Jack Miles, um ex-jesuíta que concentrou sua formação em estudos religiosos e línguas do Oriente Próximo. As questões tratadas são descritas na contracapa do livro: “Que tipo de ‘pessoa’ é Deus? Qual é seu ‘histórico de vida’? É possível abordá-lo não como objeto de reverência religiosa, mas como o protagonista do maior livro do mundo — como um personagem com todas as profundidades, contradições e ambigüidades de um Hamlet?”. No primeiro capítulo, “É possível escrever a vida de Deus?”, Miles expõe algumas das dificuldades em se fazer exatamente isso:

A trama começa com o desejo de Deus de ter uma auto-imagem. E se adensa quando essa auto-imagem divina se torna criadora de auto-imagens, e Deus se ressentido disso. Do conflito inicial, outros conflitos emergem. [...] Por que Deus criou o mundo? Por que, baseado em razões tão pequenas, o destruiu tão cedo depois de criá-lo? Por que, depois de ignorar totalmente por tanto tempo as guerras da humanidade, ele de repente se tornou um guerreiro? Por que, tendo cuidado tão superficialmente ou descuidado da moralidade, ele se tornou um moralista? Quando sua aliança com Israel pareceu fracassar, que conseqüências se lhe apresentaram? Que espécie de vida o aguardava depois daquela iminente ruptura? Como ele se adaptou ao fracasso de não manter as promessas feitas por ele mediante os profetas? Qual é sua experiência de vida como um ser sem pais, esposa ou filhos?⁹

Como deveríamos reagir a Jack Miles — ou, também, a Clark Pinnock ou John Sanders? É fácil para quem abandonou a Bíblia como a palavra de Deus descartar essas elucubrações como irresponsáveis; mas para quem a leva muito a sério, essas são questões difíceis. Em sua crítica aos argumentos apresentados pelos proponentes do “teísmo aberto”, Douglas Kelly pondera que eles “não exploraram exaustivamente a profunda diferença entre o ser criado (finito) e o ser não criado (infinito)”. (O mesmo se poderia dizer dos teólogos do processo e de Miles.) “Parecem trabalhar baseados na suposição”, continua Kelly, “da validade unívoca da linguagem tanto para Deus quanto para o homem. Isto é, uma palavra deve significar para Deus exatamente a mesma coisa que significa para um ser humano. Por exemplo,

⁹ Jack MILES, *God: A Biography*, p. 21-22.

‘antes e depois’ impõem à experiência de Deus as mesmas limitações que impõem à experiência da humanidade”¹⁰

A NATUREZA OCULTA DE DEUS

Quem é Deus? Essa é a pergunta fundamental relacionada à crença e à não-crença. *Quem é Deus? Onde está Deus? Que afinidade Deus tem com os seres humanos?* Essas perguntas e questões desafiam teólogos, filósofos, sociólogos, psicólogos e uma multidão de outros especialistas. Para muitos cristãos, são questões supérfluas. O Deus descrito nas lições da escola dominical infantil é suficiente para toda a vida. Para muitos não-crentes, um “Deus desconhecido” é com certeza um Deus nenhum.

De fato, há muitos que facilmente confundem a questão da existência de Deus com a questão de sua “incognoscibilidade”. A diferença entre a crença e a não-crença geralmente se exprime nos termos daqueles que não somente *acreditam* em Deus, mas *sabem* quem é Deus e daqueles que não acreditam e, portanto, não sabem quem é Deus. E talvez essa generalização seja válida. Mas existe uma subcategoria: a daqueles do primeiro grupo que acreditam em Deus, mas concordam que não podem alcançar a essência divina. Do salmista a Martinho Lutero e a Karl Barth, muitos falam da distância, da natureza oculta, da alteridade de Deus.

A incognoscibilidade de Deus é um conceito poucas vezes mencionado nos círculos evangélicos. Os evangélicos tendem a falar com muita liberdade de seu relacionamento pessoal com Deus; e considerando-se seus hinos, suas orações e devoções centradas na Bíblia, nota-se que eles têm muita familiaridade com Deus. Quanto mais “carismáticos” forem, tanto mais tenderão a testemunhar que *conhecem* a Deus e que Deus fala e interage com eles como se se tratasse de um relacionamento mútuo entre amigos — quase entre amigos do peito.

Aludindo ao “motor imóvel” de Aristóteles, Pinnock fala das novas maneiras de entender a Deus em seu artigo “Deus como o motor mobilíssimo: Como a teologia pentecostal da experiência está mudando nosso entendimento de Deus”. Aqui Pinnock censura dois dos mais influentes teólogos da história, Agostinho e Tomás de Aquino, sugerindo que foi por meio deles que “a síntese pagão/cristão” foi “tramada”, resultando numa visão unilateral de Deus que favoreceu “a distância em detrimento da proximidade”. Pinnock e outros que insistem que “Deus tem sido refém

¹⁰ Douglas F. KELLY, “Afraid of Infinity”, *Christianity Today*, 9 jan. 1995, p. 32.

da filosofia” enfatizam seu conhecimento de Deus por meio da experiência pessoal e falam de um diálogo e uma parceria com Deus.¹¹

A confissão e a experiência de *conhecer* a Deus é algo que não deveria ser descartado, embora em geral nas igrejas evangélicas esse seja o único ponto enfatizado. “A natureza oculta de Deus é um tema raramente discutido pelos cristãos”, escreve Kelly Clark, “mas é uma fonte primária de nossa ansiedade. Nele se enraízam problemas de dúvidas religiosas, o sofrimento humano e o significado da vida”.¹² Essa natureza escondida não deveria ser exagerada, mas as dimensões *conhecidas* e as *desconhecidas* de Deus deveriam ser vistas, num sentido, como complementares e, num outro, como paradoxais. Em seu *Dictionary of Latin and Greek Theological Terms* [Dicionário de termos teológicos latinos e gregos], Richard Muller apresenta o seguinte verbete, muito útil para nosso entendimento:

Deus absconditus/Deus revelatus: *o Deus escondido/o Deus revelado*; o paradoxo da incognoscibilidade de Deus e a automanifestação divina nas palavras de Lutero. A questão não é que Deus esteve escondido e agora se revelou, mas sim que a revelação feita ao homem desafia a sabedoria do mundo porque é a revelação do Deus escondido. Deus se revela em sua natureza oculta e se esconde em sua revelação. Revela-se paradoxalmente para frustrar os orgulhosos, e *sub contrario*, na onipotência oposta que se manifestou na cruz.¹³

Nos círculos reformados, esse paradoxo tem mais aceitação. A majestade e soberania de Deus são enfatizadas, e os Reformados (pelo menos, historicamente) tenderam a ver sua condição perante Deus como sendo de total submissão. O Deus todo-poderoso falou a todos os tempos por meio de sua Palavra, e nossa resposta na presença de Deus é cair — mesmo que só figurativamente — prostrados diante dele. A soberana vontade de Deus às vezes se confunde com determinismo, mas, qualquer que seja essa vontade, ela não sugere o relacionamento mútuo que está implícito no construto teológico conhecido como teísmo relacional ou “teísmo aberto”.

¹¹ Clark PINNOCK, “God as Most Moved Mover: How the Pentecostal Theology of Experience Is Changing Our Understanding of God”, *Worship Leader*, nov./dez. 2000, p. 34.

¹² Kelly James CLARK, *When Faith Is Not Enough*, p. 8.

¹³ Richard MULLER, *Dictionary of Latin and Greek Theological Terms*. Grand Rapids, Mich.: Baker, 1985, p. 90.

João Calvino, muitas vezes considerado um mestre de detalhes teológicos, prontamente reconhecia que ele mesmo muitas vezes se sentia perplexo diante da incognoscibilidade de Deus. Um de seus biógrafos escreve:

Portanto, na ausência de revelação divina Calvino recomendava, em questões religiosas, um agnosticismo deliberado, uma *docta ignorantia* que permite que Deus seja mais sábio que nós. “Ser ignorante naquilo que não é possível ou legítimo conhecer”, argumentava ele, “é ser sabido”. Ele repetia com aprovação a anedota de Cícero sobre Simônides. Este, ao ser indagado pelo tirano Hieron o que é Deus, pediu um dia para pensar, foi pedindo mais tempo à medida que a pergunta era repetida e por fim concluiu que ela simplesmente ficava mais intrigante quanto mais ele refletia sobre ela. “Sabidamente suspendeu o julgamento sobre uma questão tão obscura”, concluiu Calvino.¹⁴

J. H. BAVINCK E “O DEUS DESCONHECIDO”

“O Deus desconhecido” — esse é o título de um capítulo do livro *Faith and Its Difficulties* [A fé e suas dificuldades], de J. H. Bavinck. Faz pouco tempo que conheço o rev. dr. John H. Bavinck (1895-1964), e ainda não o conheço bem — tendo lido apenas dois de seus livros e alguns artigos sobre ele. Mas sinto-me intrigada. Ele foi um missionário reformado holandês na Indonésia, e sua “radical entrega a Jesus”, segundo uma das fontes, “foi o poço profundo de onde fluíram suas inclinações ecumênicas”.¹⁵

Muitos crentes reformados tendem a esquivar-se de atividades ecumênicas, mas para Bavinck o ecumenismo brotou naturalmente de sua fé. “Ele era ecumênico, não por se sentir forçado a aparecer ou seguir a moda, mas simplesmente porque em sua simplicidade de criança, grato e alegre, ele reconhecia o Espírito de Jesus Cristo em quaisquer seres humanos e comunidades eclesiais em que ele se revelasse.”¹⁶

Algumas das descrições de Bavinck feitas por J. Verkuyl, um estudioso holandês e seu colega missionário, parecem adequar-se mais a um carismático de hoje do que a um intelectual holandês de sólida formação cujos estudos e escritos se concentraram em questões de teologia, filosofia, psicologia e missiologia.

¹⁴ William J. BOUWSMA, *John Calvin: A Sixteenth-Century Portrait*. New York: Oxford University Press, 1988, p. 155.

¹⁵ J. VERKUYL, *Contemporary Missiology: An Introduction*. Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1978, p. 36.

¹⁶ Idem.

O gênio de sua [de Bavinck] transparente devoção cristã estava em seu gesto de repetida e radical entrega a Cristo [...] Sua radical devoção a Jesus foi também a fonte de sua profunda sensibilidade às carências de seus semelhantes. Tinha extremo respeito pelos seres humanos e os amava a todos — gente de todas as raças e condições sociais, crianças e jovens. Sua extraordinária cortesia e amabilidade com todos não eram para ele meras regras de convivência social que ele aprendera; elas fluíam da sensibilidade em relação às pessoas que ele contínua e constantemente aprendia mediante a união com Jesus.¹⁷

Mas havia outro aspecto em Bavinck sobre o qual seu colega faz apenas sugestões: “Ele fora tirado do poder das trevas. [...] E com que agudeza ele conhecia os poderes das trevas, mesmo em sua própria vida!”¹⁸ O que quer que essas trevas tenham sido, Bavinck sabia como poucos falar sobre as dificuldades da fé. Ao contrário de outros missionários que falam de Deus com a confiança de evangelizadores, ele falava sobre estar “constrangido pelo medo e terror quando nos aventuramos a falar de Deus, cujos pensamentos não podemos acompanhar, cujos motivos não podemos sondar ou entender”. Não importa a linguagem usada, nós “não chegamos a fazer justiça à sua grandeza e santidade”. De fato, Bavinck temia “correr o perigo de puxá-lo [a Deus] para baixo ao *nível* de minha vida e pensamento”.¹⁹

Embora Bavinck prossiga dizendo que o *Desconhecido* pode tornar-se *Conhecido* por meio da natureza, do exemplo e da orientação, e por meio de “sua revelação em Jesus Cristo”, todavia, o mistério, o temor e a incerteza permanecem:

Em todas as vozes que chegam a meus ouvidos, em todos os livros que abro, eu o reconheço e vejo, o poderoso Desconhecido, o Regente da vida, o Soberano de todas as nações. E a cada passo que dou, sinto dificuldade para entender que o Deus desconhecido é o mesmo Deus que em Jesus Cristo dirigiu-me a palavra. E às vezes sinto-me oprimido pelo medo e pela angústia de não poder ver a confluência desses dois; de não poder vê-los avançando numa única direção; e de achar que tudo será demolido e destruído. Essa é nossa tensão e nosso esforço. E trememos de medo.²⁰

¹⁷ Idem, p. 35-36.

¹⁸ Idem, p. 35.

¹⁹ J. H. BAVINCK, *Faith and Its Difficulties*, p. 9.

²⁰ Idem, p. 11-12.

A honestidade desse missionário, um homem que devotou a vida à proclamação da mensagem cristã, é animadora para todos os que acham difícil encontrar a Deus neste mundo contemporâneo de pluralismo global e distância cósmica infinita. Suas palavras são tão profundas hoje como foram décadas atrás quando ele as escreveu — e elas falam àqueles que lutam com a natureza oculta e a ausência de Deus.

A NATUREZA OCULTA E A AUSÊNCIA DE DEUS

A maioria das pessoas que lutam com a dúvida e a incredulidade experimenta a ausência de Deus. Talvez elas sintam uma sensação de perda — ou talvez nem sequer se preocupem com a sensação reduzida ou nula da proximidade de Deus. Seu comportamento característico é não fingir que estão “correndo” ou “se escondendo” de Deus, pois não têm nenhuma sensação de que Deus está à procura deles. É verdade que Adão e Eva, Jonas e outros procuraram esconder-se de Deus, mas seus problemas particulares diziam respeito à desobediência consciente, não à dúvida. Hoje muitos mostram sua desobediência consciente, sua raiva, seus punhos cerrados contra a face de Deus porque se ressentem da interferência dele em sua vida — não de sua ausência.

No entanto, outros sentem profundamente a ausência de Deus. Aqui mais uma vez Bavinck mostra compreensão:

De acordo com a Bíblia o mundo em que vivemos hoje é absolutamente anormal. Nosso éon é uma era obscura, nebulosa em que as coisas não são o que, na verdade, são. Uma das conseqüências disso é que muitas vezes é como se Deus estivesse ausente. O próprio Deus se esconde: “Verdadeiramente, tu és Deus misterioso”, diz Isaías (Is 45:15). É comovente ler na Bíblia as inúmeras queixas sobre o segredo de Deus. Muitas e muitas vezes lemos que ele esconde o rosto, que não estende o braço, que não mostra a mão que socorre. Mesmo no momento central do evangelho ouvimos o tocante grito: “Por que me abandonaste?”.

Deus muitas vezes permanece escondido de modo que se poderia pensar que ele não existe, mas ele executa seus planos apesar dos múltiplos eventos da história. Embora às vezes pareça que os acontecimentos tomem seu próprio curso, o dedo de Deus está presente mais do que imaginamos. Mesmo nesta época obscura, ele de fato atua muito mais como Rei do que supomos, embora não vejamos praticamente nada de seu reino.²¹

²¹ J. H. BAVINCK, *The Church Between Temple and Mosque*, p. 130, 134.

Bavinck conseguiu descobrir a presença de Deus de modo extremamente intenso no Filho de Deus vivo e encarnado, Jesus Cristo. Mas os que abandonaram a fé em Deus muitas vezes vêem a divindade de Cristo — e seu iminente retorno — como pouco mais que um mito ou uma piada cósmica. Criamos Deus à nossa imagem, insistem muitos sociólogos da religião, e Jesus é nossa chave para o entendimento desse deus com quem podemos nos identificar. A história da encarnação, argumentariam eles, foi narrada ora de um jeito, ora de outro nas tradições antigas.

DEUS E O MITO E C. S. LEWIS

C. S. Lewis falou dessa questão de Deus e do mito. De fato, seu constante amor pela mitologia antiga lhe proporcionou percepções da fé cristã que ajudaram a remover um dos principais empecilhos para crentes e também não-crentes. Em seu ensaio “O mito tornou-se fato”, ele tomou exatamente as objeções atiradas contra o cristianismo e as transformou em provas que o sustentam.

O coração do cristianismo é um mito que é também um fato. O velho mito do Deus Que Morre, *sem deixar de ser um mito*, desce do céu da lenda e imaginação para a terra da história. Ele *acontece* numa data determinada, num lugar determinado, seguido de conseqüências históricas definíveis. Passamos de um Balder ou de um Osíris, que morrem ninguém sabe onde nem quando, para uma Pessoa histórica que é crucificada... *sob Pôncio Pilatos*. Tornando-se fato, o mito não deixa de ser mito: eis o milagre. [...] Deus é mais do que deus, não menos: Cristo é mais do que Balder, não menos. Não devemos nos envergonhar da auréola mítica presente em nossa teologia. Não devemos ficar nervosos com “paralelos” e “Cristos pagãos”: eles *precisam* estar ali — seria um empecilho se não estivessem.²²

Lewis é um poderoso exemplo de alguém que descobriu uma posição intermediária entre a teologia impessoal que muitas vezes se denomina teísmo clássico e teísmo aberto que alguns acusam de transformar Deus num deus. “Sim, Lewis nos dará a prova escolástica”, escreveu Louis Markos, “mas não nos deixará descansar antes de reconhecermos e sentirmos a esmagadora realidade e presença daquele

²² C. S. LEWIS, “Myth Became Fact”, em *God in the Dock: Essays on Theology and Ethics*, p. 66-67.

Deus que ele descreve, de várias maneiras, como o caçador, o amante e o noivo”.²³ A imagem de Deus como caçador é provavelmente a mais conhecida, sobretudo por estar ligada à própria história da conversão de Lewis.

Crer em Deus foi algo que Lewis havia aceitado tranquilamente na infância — pelos menos até a morte de sua mãe. Por que, perguntou-se ele, Deus, se de fato existia, não havia atendido suas orações pela recuperação dela? Durante o início da idade adulta de Lewis, Deus já não aparecia; e para todos os efeitos práticos, ele era ateu. Depois da Primeira Guerra Mundial, ele foi para a Universidade de Oxford e então começou sua carreira docente. Foi nesse período da vida que sentiu “que Deus, se de fato existia, o estava seguindo de um modo quase cruel. [...] Que *ele* era a presa, e estava sendo sorrateiramente caçado sem dó, e que Deus estava fechando o cerco sobre ele”. Finalmente, em 1929, ele percebeu que já não podia fugir de Deus: “Cedi e admiti que Deus era Deus, e ajoelhei-me e orei: talvez, aquela noite, [eu era] o mais deprimido e relutante convertido na Inglaterra”.²⁴

Lewis passou a conhecer e entender a Deus por meio das Escrituras e credos antigos bem como por meio da mitologia e experiência pessoal. Permeando esses métodos de conhecimento estava o elemento do mistério.

A PROCLAMAÇÃO DE UM MISTÉRIO

Lewis me ajuda a compreender a Deus com maior clareza, especialmente durante aqueles períodos em que luto com uma profunda sensação da ausência divina. É o *mistério* que nos permite viver em paz com a ausência. Não consigo imaginar a fé sem a presença do mistério. O mistério permeia todas as partículas das verdades que eu mais aprecio, e os autores que proclamam esse mistério despertam e prendem minha atenção.

Frederick Buechner, ministro e autor prolífico, é um desses escritores. Ele fala do mistério em seu livro *Telling Secrets* [Revelação de segredos]. De fato, ele é um pregador do mistério — o que todo pregador deveria ser.

Eu nunca entendera antes de modo tão claro o que pregar significa para mim. Basicamente, é proclamar um Mistério diante do qual, diante de quem, até nossas idéias mais exaltadas se tornam palha. É também proclamar esse Mistério com uma paixão

²³ Loius A. MARKOS, “Myth Matters”, *Christianity Today*, 23 abr. 2001, p. 35.

²⁴ C. S. LEWIS, *Surprised by Joy*, p. 228-229.

com a qual as idéias por si sós pouco têm a ver. É tentar colocar o evangelho em palavras não como se você compusesse um ensaio, mas como se você escrevesse um poema ou uma carta de amor — colocando no texto seu coração, seu entusiasmo e sobretudo sua vida. É falar palavras que você espera, por alguma graça, sejam portadoras não apenas de um novo entendimento, mas de uma nova vida tanto para aqueles a quem você fala quanto para você mesmo.²⁵

Reconhecer e admirar a Deus como mistério — em oposição ao Deus definido por fatos e provas — pode ser um passo importante para resolver problemas de dúvida e descrença. A ausência e a natureza oculta de Deus só fazem sentido no contexto do mistério. Mas enfatizar o *mistério* é um caminho perigoso, advertiu-me recentemente um apologista evangélico muito conhecido; na opinião dele, isso tinha um certo sabor de misticismo oriental. Talvez sim. Mas, na contemplação do mistério, eu estou ao lado de uma longa tradição de pensadores cristãos — inclusive J. H. Bavinck, grande missionário e evangelizador que sinceramente confessou seu medo, sua angústia e dificuldade de misturar o Deus Desconhecido com Aquele que lhe dirigiu a palavra em Jesus Cristo.

Viver em paz com o mistério é um elemento-chave na manutenção da fé — pelo menos para mim. E quando contemplo as histórias de tantos que abandonaram a fé, ocorre-me que eles se afastaram não tanto de *Deus*, mas sim de uma percepção equivocada de Deus. Ainda ontem pulei de susto no banco lá na igreja ao ouvir uma oração que concluía a mensagem das crianças num culto dominical matutino. O pastor orou assim: “Oi, Deus. Sou eu de novo”. Esse tipo de familiaridade conversacional, muitas vezes ouvida nas igrejas evangélicas, a meu ver em nada ajuda nossa compreensão de Deus ou nossos esforços de levar o conhecimento de Deus a nossas crianças. Se saudamos a Deus como saudamos um amigo ao telefone, podemos facilmente nos perguntar se existe alguém do outro lado da linha. Muitos dos que perdem a fé se afastam de um “pai de bate-papo”, não d’Aquele Supremo que é realmente *Deus*.

Esse Deus não é apenas meu Deus do acidente. Esse Deus é meu Deus da vida de cada dia. Dessa perspectiva, o culto de ontem para mim foi remido por meio do canto de um famoso hino: “Grandioso és tu”. É uma oração que reconhece a Deus *como Deus* — ponderando intensamente a criação divina “maravilhado”.

²⁵ Frederick BUECHNER, *Telling Secrets: A Memoir*, p. 61.

Senhor, meu Deus, quando eu, maravilhado,
Contemplo a tua imensa criação,

Se penso, então, que sem poupar teu Filho,
O enviaste para morrer por mim,

Grandioso és tu, Senhor!²⁶

²⁶ "Grandioso és tu", hino nº 52, HCC, Composição de Carl Boberg, letra em português de Paulo de Tarso da Cunha (1964).

A tênue linha entre a crença e a descrença

*Lutava para conhecer meu verdadeiro Deus no escuro,
enquanto vivia no seu silêncio, com a sensação de sua ausência.
De vez em quando um raio bifurcava o céu, como uma espada mística,
ou um pálido sol clareava a orla da terra.
Às vezes eu sentia a luz fraca do espírito como uma noite clara no campo,
longe do brilho artificial da cidade. [...]
Mas a maior parte das vezes persistia uma longa escuridão,
como uma sentença de morte.*

LUCI SHAW, *GOD IN THE DARK* [DEUS NO ESCURO]

HÁ UM TIPO ESPECIAL de dúvida sobre o qual eu nada sei — a não ser por meio de minhas leituras. É a dúvida e escuridão que muitas vezes acometem os místicos e os que se entregam à meditação, aqueles que dedicam a vida à busca de Deus e que, no processo desse empreendimento, vão muito fundo ou atingem grandes alturas e acabam chegando a um lugar onde encontram o vazio e a escuridão. Há também aqueles cristãos que atingem uma escuridão espiritual acompanhada de depressão psicológica. Essas experiências muitas vezes são descritas como *a noite escura* ou simplesmente *a escuridão* da alma. Segundo Georgia Harkness, essa *noite escura da alma* é uma das experiências que têm atormentado o coração dos que buscam fervorosamente em todas as épocas.

Essa experiência da noite escura da alma é um tema comum na literatura mística. Não apenas João da Cruz, mas também sua professora e colega na reforma espiritual, Teresa de Ávila, descrevem com cores muito intensas o desamparo da alma durante períodos de luta para reconquistar o sentido perdido da proximidade de Deus. [...] A marca mais característica em todas as descrições desse estado infeliz é a da busca frustrada da presença divina. Quem descobriu em Deus uma companhia preciosa deseja avançar visando uma intimidade espiritual mais profunda e descobre, para sua grande decepção, que aparentemente está mais longe de Deus do que nunca.¹

¹ Georgia HARKNESS, *The Dark Night of the Soul*, p. 24-25.

Meu entendimento da escuridão da alma, embora muito limitado, deriva primeiramente das histórias daqueles que passaram por essa experiência em sua própria peregrinação espiritual. Ao refletir sobre seus testemunhos, uma das ilações mais óbvias, apesar de intrigantes, que ficam em minha cabeça é que muitas vezes há uma relação íntima entre a busca de Deus e a perda da fé — embora não ocorra necessariamente a perda total da fé. O fato de que na maioria os que falam dessa escuridão são católicos romanos talvez seja um detalhe nada desprezível. Eu me pergunto o que esses católicos têm a dizer aos fundamentalistas, pentecostais e evangélicos com suas histórias tão marcantes no gênero da “perda da fé”? Neste capítulo apresento uma série de histórias resumidas e espero que elas esclareçam a escuridão espiritual e lembrem àqueles que enfrentam uma situação semelhante que eles não estão sós, e a escuridão não é um sinal da perda da fé.

Um dos primeiros relatos desse estado é *A noite escura da alma*, obra de João da Cruz, um místico do século XVI. Ele estava convencido de que passar pela noite escura fazia parte da jornada do peregrino em busca da perfeição. Assim, essa noite era confiada somente àqueles que saberiam suportá-la.

PERIGOS NA JORNADA DAS TREVAS

João da Cruz (1542-1591) fez parte da tradição carmelita espanhola e foi amigo da famosa mística Teresa de Ávila. Ao descrever a “noite escura da alma”, ele fala de vários níveis, começando pela primeira noite e avançando depois para estágios mais profundos, com muitas referências à escuridão. Nessa veia, escreve:

A noite espiritual é o quinhão de muito poucos; e são aqueles que já fizeram algum progresso, exercitaram-se nele, de quem falarei mais abaixo. [...] Assim, Deus os deixa numa escuridão tão grande que eles, com suas imaginações e reflexos dos sentidos, não sabem para onde ir. Não conseguem avançar um único passo na meditação, como antes faziam, pois o sentimento interno agora está esmagado nessa noite e abandonado a uma aridez tão grande que já não têm nenhuma alegria ou doçura nos exercícios espirituais, como tinham antes, e no lugar delas só encontram insipidez e amargura.²

² John of the Cross, *The Dark Night of the Soul*, em *An Anthology of Devotional Literature*, comp. Thomas S. Kepler. Grand Rapids, Mich.: Baker, 1977, p. 284-285.

João da Cruz advertia os peregrinos espirituais de que eles enfrentariam perigos nessa jornada de escuridão — perigos tão sérios que aquele que demandava a Deus poderia acabar desistindo:

Então, durante os períodos de secura, da noite dos sentidos... as pessoas espirituais têm de suportar grandes aflições... pois sentem medo de perder-se nessa estrada; pensando que estão arruinadas espiritualmente e que Deus as abandonou, porque não encontram nenhum socorro ou consolação nas coisas sagradas. [...] Nessas circunstâncias, se não encontrarem ninguém que entenda seu caso, essas pessoas desistem e abandonam a estrada certa.³

João da Cruz dá conselhos práticos para os contemporâneos que empreendem uma demanda espiritual. Ele nos adverte que a meditação espiritual profunda não está isenta de riscos e que a intensificação da busca pessoal de Deus não garante necessariamente que Deus será *encontrado*. De fato, seria possível perder a fé nesse processo. Para evitar esse tipo de resultado, quem busca deve estar em contato com alguém que sabe como navegar nessa rota escura. Uma questão fundamental permanece, todavia, acerca do valor de seguir intencionalmente o caminho escuro — uma questão que é levantada de modo apropriado quando examinamos o testemunho de Meister Eckhart e de outros que buscaram esse caminho.

CONHECER A DEUS POR MEIO DA ESCURIDÃO DA ALMA

É importante entender que, embora a escuridão da alma muitas vezes inclua um período de dúvida e incredulidade, o objetivo de quem demanda é atingir um plano espiritual mais elevado. De fato, muitos em sua busca celebraram o conceito da escuridão como um caminho para a luz. Os místicos católicos romanos demonstraram isso em sua vida e seus escritos. Meister Eckhart, místico alemão da Idade Média, foi um “entusiástico representante do caminho escuro”. Ele insistia que quando um cristão realmente começa a descobrir a Deus percebe que Aquele que é descoberto não é Aquele que foi procurado. “Procure a Deus”, escreveu ele, “de modo a nunca encontrá-lo”. É esse sentido de *não encontrar* e *não conhecer* que caracteriza muitos dos peregrinos na senda escura.⁴

³ Idem, p. 286.

⁴ William H. SHANNON, *Thomas Merton's Dark Path: The Inner Experience of a Contemplative*, p. 11.

Para Eckhart, buscar a Deus era o mais perto que se poderia chegar de conhecer a Deus, mas sua perspectiva desse Deus incognoscível caracterizava-se pelo desinteresse:

Lembre-se de que Deus tem sido irredutivelmente desinteressado desde o começo, e ainda é assim, e que a criação dos céus e da terra o afetaram muito pouco: é como se ele não tivesse criado uma única criatura. Mas vou mais longe. Todas as orações que um homem possa oferecer e as boas obras que ele possa praticar afetarão esse Deus desinteressado muito pouco: é como se não houvesse orações e boas obras.

No entanto, Eckhart perdia-se em Deus, convencido de que “minha bênção na eternidade depende de minha identificação com Deus”⁵

PELA SENDA ESCURA

Thomas Merton (1915-1968), místico católico muito famoso, também seguiu a “senda escura” em sua peregrinação de fé. Merton é um personagem fascinante que quase virou “ídolo” nas décadas subseqüentes a sua morte prematura. Nasceu na França; seus pais eram artistas e no fundo não tinham religião. Aos vinte e poucos anos, depois de estudar em Cambridge, mudou-se para os Estados Unidos indo morar com parentes — seus pais haviam morrido alguns anos antes. Completou os cursos de graduação e pós-graduação na Universidade de Columbia, e durante esse período levou uma vida sensual, envolvendo-se com grupos radicais, inclusive o Partido Comunista. Mas ainda antes dos 25 anos, iniciou sua demanda religiosa, e em 1938 batizou-se e aderiu à Igreja Católica Romana.

Três anos mais tarde deu as costas ao mundo e entrou para a Abadia Trapista de Nossa Senhora do Getsêmani em Kentucky. Foi ali que dedicou boa parte de seu tempo a escrever e aprofundar a demanda espiritual. Sua autobiografia, *A montanha dos sete patamares*, conta a história dessa transformação espiritual e da busca de Deus.

Durante os últimos anos de sua existência, Merton abandonou o estilo de vida comunitário do mosteiro para levar uma vida solitária numa moradia isolada dentro do recinto da abadia. Esse tempo de intensa meditação e estudo o levou a profundezas maiores do misticismo da escuridão. O fim veio de repente: “Em 1968,

⁵ Raymond Bernard BLAKNEY, *Meister Eckhart: A Modern Translation*. New York: Harper & Brothers, 1941, p. 85.

durante uma viagem pela Ásia para transmitir e trocar idéias com líderes religiosos e proferir palestras numa conferência sobre a contemplação cristã asiática, que incluía monges budistas, Merton morreu eletrocutado enquanto tomava banho em Bangcoc na Tailândia”⁶

Merton via a si mesmo inserido numa tradição de contemplativos cristãos, cujos conceitos de Deus eram entendidos dentro do contexto da teologia apofática: “o Deus que se revelou a nós em seu Mundo revelou-se como desconhecido em sua suprema essência”. O cristão contemplativo “é chamado a penetrar a escuridão sem palavras e a luz apofática de uma experiência sem conceitos, e aqui ele gradativamente se familiariza com um Deus que é ‘ausente’ e é como ‘inexistente’ para toda experiência humana”. Deus é muitas vezes sentido como uma “ofuscante escuridão” ou como “a refulgência de uma escuridão luminosíssima”. Deus é “conhecido na escuridão... mediante seu desconhecimento”⁷

A busca de Deus levou Merton a tais profundezas de escuridão e vazio que ele perdeu toda noção da presença divina. William Shannon descreve vigorosamente essa sensação de vazio.

O Deus que nós pensávamos ter conhecido nos é tirado, e a mente já não consegue pensar nele. A alegria de sua presença desapareceu porque já não conhecemos Aquele que está presente. Nem mesmo temos certeza de que Alguém sequer esteja presente. A vontade que outrora amava a Deus com tanto ardor parece incapaz de amar, porque o objeto amado parece ter desaparecido numa escuridão impenetrável. Já não temos Ninguém a quem sequer orar; por isso “perdida está a doçura da oração. A meditação torna-se impossível, até mesmo detestável”. [...] Depois, um dia, há uma iluminação. A alma passa a perceber que nessa escuridão ela verdadeiramente encontrou o Deus vivo.⁸

Ao contemplar Merton e sua “escuridão sem palavras”, eu vejo a tênue linha entre o caminho escuro e a descrença, bem como as dificuldades de distinguir uma coisa da outra. Também sou levada a lembrar que esse caminho escuro provém da tradição católica romana, onde a própria tradição tem uma importância muito

⁶ D. L. SALVATERA, “Thomas Merton”, em *Dictionary of Christianity in America*, org. Daniel G. REID, Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1990, p. 731.

⁷ William H. SHANNON, *Thomas Merton's Dark Path*, p. 10-11.

⁸ Idem, p. 26-27.

maior do que nos círculos protestantes. Os protestantes, que vêem apenas as Escrituras como sua autoridade, em vão irão procurar um precedente para seguir essa senda escura. Assim, a maioria dos protestantes (e também dos católicos) contrabalança um retrato de Deus como *desconhecido* com outro de Deus como *conhecido* — conhecido particularmente por meio da revelação especial da Escritura.

O DEUS AUSENTE

A mística que talvez mais tenha provado a escuridão da alma foi Simone Weil (1909-1943). Nascida em Paris, numa família de judeus assimilados à comunidade, ela mais tarde identificou-se intimamente com o catolicismo. Aos catorze anos de idade Simone Weil escreve que “entrou numa daquelas crises de infinito desespero típicas da adolescência”. Sentia-se inferior a seu irmão e temia que jamais viesse a entender a verdade da vida. “Depois de meses de escuridão interior”, escreve ela, “eu de repente tinha uma convicção absoluta de que qualquer ser humano... pode aprofundar-se e atingir a verdade... se ele simplesmente almeja a verdade e constantemente concentra toda a atenção no intuito de consegui-la”. Partiu então em busca da verdade.⁹

Em alguns aspectos, Weil seguiu a senda de outros peregrinos e místicos espirituais. Por exemplo, ela evocava uma ocasião em 1937, escrevendo: “Passei dois dias maravilhosos em Assis. Somente ali, na capelinha de estilo romanesco do século XII... onde Francisco costumava orar, algo mais forte do que eu pela primeira vez na vida me compelia a cair de joelhos”.¹⁰ Ela teve outras experiências semelhantes que poderiam ser descritas como típicas ou comuns para uma pessoa mística, mas Weil estava longe do místico cristão comum.

Weil leva o conceito de escuridão a um ponto extremo — embora o termo *escuridão* propriamente dito não seja usado com frequência por ela para descrever o estado da alma. Ela falava da “vacuidade” e do “vazio”. “Deus está ausente do mundo”, escreve ela, “exceto por meio da existência neste mundo daqueles em quem mora o amor”. Deus não apenas estava ausente, mas, para todos os propósitos práticos, ele não existia: “Temos de crer num Deus que é como o Deus verdadeiro em tudo, excetuando-se o fato de que ele não existe”. Então, devemos perguntar, quem é Deus:

⁹ Simone WEIL, *A Spiritual Autobiography*, em *Pilgrim Souls: An Anthology of Spiritual Autobiographies*, org. Amy MANDELKER & Elizabeth POWERS. New York: Simon & Schuster, 1999, p. 500-501.

¹⁰ Idem, p. 503.

“Este mundo, na medida em que não é completamente vazio de Deus, é o próprio Deus”. Para Weil, alguém poderia conhecer a Deus por meio do sofrimento, seguindo o modelo de Jesus em sua morte na cruz. Seu enfoque no sofrimento formou-se por meio de observações reais do sofrimento na vida dos trabalhadores pobres e na angústia sem sentido dos campos de morte nazistas.¹¹

Para a média dos que empreenderam uma busca espiritual, o conceito de Deus de Weil não faz sentido. Extremamente proveitoso sob esse aspecto é o artigo de Susan Taubes sobre Weil intitulado “O Deus ausente”, onde Taubes distingue o ateísmo religioso do ateísmo secular e enxerga Weil como a principal proponente de um ateísmo religioso que se caracteriza como “um ateísmo místico, uma teologia da ausência e do não-ser, da impotência divina, da não-intervenção divina e da indiferença de Deus”. Weil acredita que “a existência de Deus pode ser negada sem se negar a realidade divina”.¹²

Uma diferença importante entre Weil e outros místicos é que o misticismo dela se funde com um ceticismo intelectual mais do que com um sonho extático. Ela não testemunhou nenhuma revelação especial, nem visões e vozes; de fato, ela era cética em relação aos que tiveram tais experiências. “Visões e vozes”, escreve ela, “resultam de uma interferência ilegítima da imaginação no amor sobrenatural; e as biografias dos santos teriam sido ainda mais maravilhosas sem elas”.¹³

Será o ateísmo religioso de Weil preferível ao ateísmo secular? Para mim essa não é uma pergunta fácil de responder. Não gostaria de criticar a honesta busca de Deus de Weil ou de quem quer que seja. Se seu ateísmo místico representa a confissão de fé mais confiante que ela consegue formular, quem sou eu para julgar? Mas me parece que a confissão pessoal deve incluir a crença na existência de Deus — um componente que parece faltar na confissão de Weil.

O TÚNEL ESCURO E A CRUZ PESADA

Ocupando uma posição quase diametralmente oposta à de Simone Weil está Teresinha de Lisieux (1873-1896), conhecida como a “Pequena Flor”, que se tornou a preferida dos peregrinadores espirituais cristãos, católicos ou protestantes. Morreu aos 24 anos — ainda quase menina. No entanto, o efeito exercido por ela sobre o mundo

¹¹ Simone WEIL, citada em Susan A. TAUBES, “The Absent God”, em *Toward a New Christianity: Readings in the Death of God Theology*, org. Thomas J. J. ALTIZER, p. 108-111.

¹² Susan A. TAUBES, “The Absent God”, p. 107.

¹³ Idem, p. 114.

cristão tem sido enorme, especialmente desde a publicação de sua autobiografia em inglês. Ela foi considerada “a maior santa dos tempos modernos” pelo papa Pio X.

Nascida na França como caçula de cinco filhas de um comerciante abastado, Teresinha de Lisieux seguiu suas irmãs entrando para o convento carmelita local após a morte da mãe. Tinha um objetivo: “Quero ser santa”. A história de sua infância foi inicialmente escrita “em obediência a sua superiora” — e depois foi expandida como a peregrinação espiritual de sua vida. O que talvez seja mais interessante sobre essa mulher piedosa é que, durante os dezoito meses que antecederam sua morte causada pela tuberculose, ela lutou com a dúvida e a perda da fé. Quando percebeu que iria morrer, “a esperança de ir para o céu”, escreve ela, “encheu-me de alegria”. Mas depois veio a noite escura da alma, da qual ela fala de maneira muito direta:

Na véspera daquele dia feliz voltei alegre para minha cela e estava prestes a adormecer tranqüilamente quando meu querido Jesus me deu, como na noite anterior, o mesmo sinal de que eu logo deveria entrar na vida eterna. Naqueles dias, minha fé estava tão clara e vigorosa que eu encontrava a felicidade perfeita no pensamento do céu. Eu não conseguia acreditar que houvesse gente sem fé. [...] Mas durante aqueles radiantes dias da Páscoa, Jesus [...] permitiu que uma escuridão de breu se espalhasse pela minha alma e deixou que o pensamento do céu, tão doce para mim desde a infância, destruísse toda a minha paz e me torturasse. Essa provação não foi algo que durou alguns dias ou semanas. Eu a suportei por meses e ainda estou esperando que acabe. Gostaria de poder expressar o que sinto, mas é impossível. É preciso ter caminhado pelo mesmo túnel sem sol para entender como ele é escuro [...] A voz dos descrentes vinha zombar de mim na escuridão. [...] Que Deus me perdoe! Ele sabe muito bem que, embora não tendo o consolo da fé, eu me obrigava a agir como se o tivesse. Fiz mais atos de fé no último ano do que em toda a vida.¹⁴

Para Teresinha de Lisieux, a história não termina em negra escuridão. “Deus me mandou essa pesada cruz”, enfatizou ela, “exatamente na hora em que eu tinha força suficiente para carregá-la”. Embora não tivesse procurado aquela escuridão, ela estava convencida de que se tratava de uma restrição necessária de seus desejos

¹⁴ *The Autobiography of Saint Thérèse de Lisieux: The Story of a Soul*, tr. John Beevers. New York: Doubleday, 1989, p. 3, 116-119.

naturais referentes a sua peregrinação para a perfeição — “toda a minha satisfação natural causada por meu anseio pelo céu”. Até mesmo o desejo de estar com Jesus era motivado pelo egoísmo, que na opinião dela precisava ser erradicado. “Permitindo que minha fé fosse tentada, Deus aumentou muito meu *espírito de fé*.”¹⁵

É difícil separar as experiências espirituais das emoções individuais. De fato, exatamente como existe uma tênue linha entre a crença e a descrença, assim também há uma tênue linha entre o espiritual e o psicológico. Um psicólogo talvez avaliasse as experiências descritas por Merton, ou Weil, ou Teresinha de Lisieux de um modo muito diferente daquele de um orientador espiritual. Quais são as causas subjacentes da escuridão? A depressão é um dos fatores? Em alguns casos, a escuridão da alma não parece estar diretamente ligada à depressão, mas em outros casos há uma ligação muito íntima, como se verificou em Henri Nouwen.

A “DEPRESSÃO DA ALMA” DE HENRI NOUWEN

Durante a década de 1980, depois uma notável carreira docente na Universidade de Harvard, Henri Nouwen (1932-1996), sacerdote católico romano, renunciou ao prestígio e ao agradável convívio proporcionado por sua posição universitária e juntou-se à comunidade L’Arche Daybreak de Toronto. Não se tratava de um mosteiro, afastado do mundo. Era uma “família” — seis pessoas com problemas mentais e quatro pessoas normais. Desse grupo, quem mais afetou Nouwen foi Adam, um rapaz de 25 anos com uma significativa deficiência mental — um homem que não podia caminhar, falar, rir ou chorar. “À medida que meus medos foram gradativamente diminuindo”, confessou Nouwen, “foi emergindo um amor tão pleno e carinhoso que a maioria de minhas outras tarefas pareciam chatas e superficiais comparadas às horas passadas com Adam. De seu corpo e de sua mente massacrados emergiu um belíssimo ser humano que me oferecia um dom maior que aquele que eu jamais lhe poderia oferecer”.¹⁶

Muita gente que se inspirou nos escritos de Nouwen não faz a menor idéia da profunda depressão vivida por ele — um sentimento que misturava o espiritual e o emocional numa noite escura da alma. O pior episódio dessa escuridão aconteceu logo depois que ele começou seu ministério em Daybreak. Foi precipitado em parte pelo rompimento de uma amizade íntima com um rapaz que lá trabalhava.

¹⁵ Idem, p. 119-121.

¹⁶ Henri NOUWEN, “Adam’s Peace”, *World Vision*, ago./set. 1988, p. 4-7.

Bart Gavigan, um conselheiro que trabalhou ao lado de Nouwen durante sua depressão mais profunda, temeu que ele talvez não conseguisse sair dessa escuridão. O próprio Nouwen alimentou medos semelhantes. Sobre esse período, escreve Gavigan:

Henri era corajoso e eu o admirava — mas estava de fato muito, muito escuro. Ele não conseguia definir o desespero de sua vida. Não se tratava simplesmente de uma noite escura da alma, era uma noite escura de tudo, do espírito, pondo em risco a fé, pondo em risco seu próprio ser, desejos, anseios e sexualidade. Era um noite escura que punha em risco sua própria vocação, trabalho e carreira de escritor. Mas ele não perdeu a fé.¹⁷

Ele não perdeu a fé — pelo menos não em algum sentido permanente — mas, segundo seu biógrafo, ele “começou a sentir-se desamparado, sem fé e abandonado. Não conseguia dormir e chorava, descontrolado, horas a fio”. É interessante notar que sua única fonte de consolo durante essa fase foi seu estudo de Rembrandt, “o atormentado [...] pintor holandês cuja tumultuada jornada interior no fim o capacitara a pintar *O retorno do Filho Pródigo*”.¹⁸ A escuridão de Nouwen não foi uma peregrinação procurada intencionalmente. Ele emergiu dela com a força de sua fé intacta, e o testemunho que deixou encorajou outros que suportam o que se poderia chamar de “depressão da alma” — uma terrível depressão psicológica e espiritual fundidas numa só.

Quando procuro comparar a escuridão provada por Nouwen com o caminho escuro percorrido por Merton ou por outros proponentes da senda escura, eu vejo algumas diferenças significativas. A escuridão provada por Nouwen se assemelha à experiência de outros cristãos desde os tempos bíblicos até o presente. Sua noite escura da alma foi muito mais uma tribulação do que uma senda a seguir. E dessa tribulação provieram uma vida e um testemunho com uma poderosa mensagem da graça de Deus num mundo hostil. Refletindo sobre a noite escura de Nouwen, sinto-me inclinada a pensar que se trata verdadeiramente de uma *tribulação* que muitos cristãos são chamados a suportar. Mas não é algo que se deveria buscar como um caminho para Deus. Os riscos e perigos ao longo do percurso são muito grandes, e os benefícios, na melhor das hipóteses, são tênues.

¹⁷ Michael FORD, *Wounded Prophet: A Portrait of Henri Nouwen*, p. 167.

¹⁸ Idem, p. 172.

DEUS NO ESCURO

Luci Shaw escreve com vigor sobre a maldição dessa tribulação. “Se a dúvida é um pecado, sou uma grande pecadora. Sofro a maldição das perguntas, a maldição das dúvidas.” Assim escreve Shaw em *God in the Dark* [Deus no escuro]. “Eu me pergunto”, continua ela, “se tenho algum direito, nesse estado, de ensinar numa faculdade cristã, ministrar na igreja, ou escrever”. Para Shaw, poetisa e escritora muito aclamada, Deus permanece no escuro — mesmo no final de seu livro. A uma amiga ela confessou: “Eu afrouxei meu apego a Deus, e estou esperando na noite escura da dúvida que Deus faça a *sua* jogada”. A parte principal do livro enfoca a doença terminal do marido, Harold, e sua subsequente morte. Mas as dúvidas dela vão muito além de questões de luto. O livro começa com a história de “um de seus mais longos e escuros ciclos”, que durou sete anos.¹⁹

Eu me lembro, eu me lembro das nuvens escuras deslocando-se através dos anos da vida, estendendo-se como um campo de trigo numa planície ao sol, ofuscado por súbitas sombras. Mutáveis como o clima, meus períodos de dúvidas e questionamento muitas vezes surgiram e depois passaram. [...] Lutava para conhecer meu verdadeiro Deus no escuro, enquanto vivia em seu silêncio, com a sensação de sua ausência. De vez em quando um raio bifurcava o céu, como uma espada mística, ou um pálido sol clareava a orla da terra. Às vezes eu sentia a luz fraca do espírito como uma noite clara no campo, longe do brilho artificial da cidade. [...] Mas a maior parte das vezes era uma longa escuridão, como uma sentença de morte.²⁰

Para alguns, como Teresinha de Lisieux, a solução da escuridão, o túnel das trevas, é uma sensação real de luz no fim do túnel. Para outros, nunca há solução — a não ser levar a vida em meio a confusa névoa da incerteza. Ainda para outros, acontece a aceitação da condição. No último parágrafo de seu livro, Shaw escreve:

Assim, estou esperando. E deixando correr. E deixei de lutar. Estou deixando que a comunidade de cristãos da igreja me carregue consigo. Neste momento sinto Jesus se aproximando de uma forma subjetiva, mas satisfatória. Não se trata de uma prova de sua realidade, mas parece suficiente por enquanto, como se algo se encaixasse com

¹⁹ Luci SHAW, *God in the Dark: Through Grief and Beyond*, p. 252, 265.

²⁰ Idem, p.13-14.

um clique assumindo seu lugar como os botões de minha túnica de Leitora Leiga que vesti esta manhã para ler sobre Abraão cuja fé, apesar de imperfeita, costurada com dúvidas, era suficiente.²¹

Em minha própria peregrinação espiritual, que começou na infância, a dúvida e a fé têm coexistido. Não é uma condição que escolhi para mim, e não é algo que eu possa eliminar — nem necessariamente o desejaria. A dúvida traz tensão e vitalidade à minha fé; está sempre me desafiando a ir mais fundo, a buscar as pepitas de ouro da realidade de Deus em minha própria vida, e sempre me desafiando a pairar mais alto e a descobrir a realidade de Deus no universo. Embora eu cave nas profundezas e paire nas alturas, sempre me fundamento na Bíblia, a própria Palavra de Deus. Mas a Escritura não limita (nem deveria limitar) minha busca alhures daquilo que pode ajudar a esclarecer para mim mesma os mistérios de Deus. Assim, contemplo esses peregrinos em busca de percepções que, no mínimo, me mostrem que não estou só em minha luta para encontrar a Deus.

No fim, porém, o aspecto mais importante de minha peregrinação espiritual é conectar-me com Deus de um modo que seja autêntico para minha própria personalidade e ser. Para muitos isso pode parecer terrivelmente egocêntrico. Deus é Deus. Como ousa eu identificar meu ser como o ponto de partida? Mas eu sei que qualquer conceito que eu tenha de Deus é filtrado por meio de toda a essência de quem eu sou. Assim, quando paro olhando para trás, não me surpreende o fato de eu descobrir a Deus nem na escuridão, nem em fulgurantes êxtases. Mais uma vez um velho hino empresta palavras à oração de meu coração em minha busca de Deus:

Não quero sonhos, êxtases proféticos,
Não quero o véu de argila roto agora,
Não quero ver anjos, nem céus abertos,
Mas leva-me da alma a treva embora. Amém.²²

²¹ Idem, p. 266.

²² "Spirit of God, Who Dwells Within My Heart", letra de George Croly, 1867.

Compartilhe suas impressões de leitura escrevendo para:

opinio-do-leitor@mundocristao.com.br

Acesse nosso *blog*: www.mundocristao.com.br/blog

Diagramação: Assisnet Design Gráfico

Gráfica: Imprensa da Fé

Papel: chamois fine dunas 67g (miolo)

Papel: Art Premium 250/gm² (capa)

